

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI CA

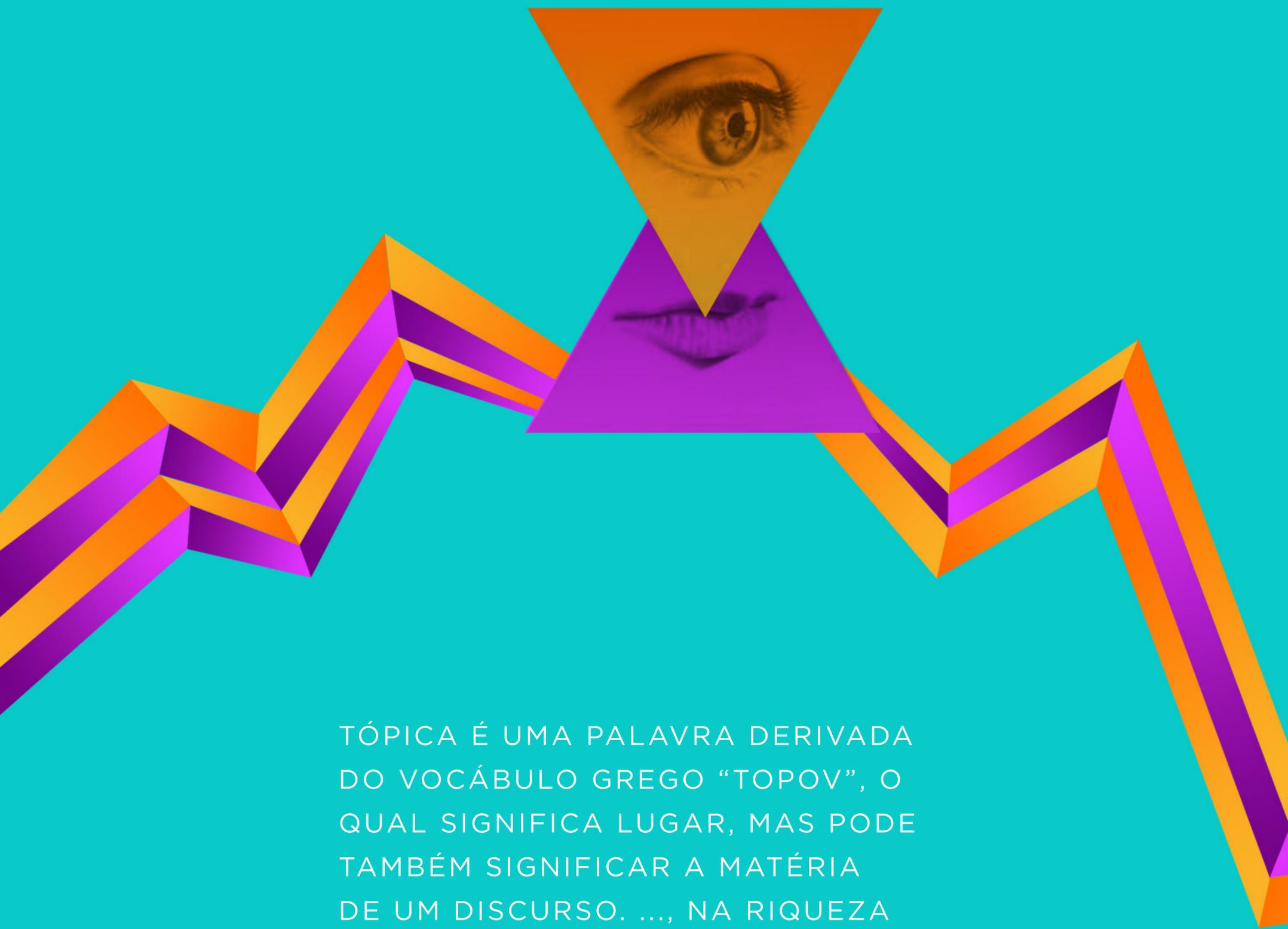


N. 8

ANO 8
NOVEMBRO.2013
MACEIÓ.AL
BRASIL

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992



TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO “TOPOV”, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

TESOUREIRA

Maria Edna Melo Silva

SECRETÁRIO

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
FORMAÇÃO**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
CIENTÍFICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Maria Edna de Melo Silva

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

Stella Maris Souza da Mota

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Michel Rios

CAPA

Michel Rios e Luísa Estanislau

REVISÃO

Fernanda B. B. Alves Pinto

Lígia D'Alva

Sidney Wanderley

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do
Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL)

Parque Gonçalves Lêdo, 47, Farol -

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

gpalmaceio@hotmail.com

www.gpal.com.br

O VIVER CRIATIVO: CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT PARA UMA REFLEXÃO SOBRE SAÚDE¹

HELIANE LEITÃO²

"(...) somos de fato pobres se formos apenas sãos."

D. Winnicott

RESUMO

O objetivo deste trabalho é considerar a contribuição do pensamento de Winnicott na problematização do conceito de saúde. Primeiramente, Winnicott considera a tênue distinção entre saúde e doença, condições que se sobrepõem em um campo fluido de imprecisão, entrelaçamento e permuta. Em segundo lugar, Winnicott apresenta uma proposição afirmativa para o conceito de saúde, para além da ausência de doença e da adaptação necessária ao mundo, destacando

suas manifestações na ação criativa, espontaneidade, sentimento de ser e sentido de realidade. Por fim, destaca-se o papel positivo da cultura no desenvolvimento emocional na medida em que abriga os elementos constituintes da vida psíquica pessoal possibilitando a ação criativa externalizada no ambiente

1 _____
Trabalho apresentado na IX Jornada do GPAL, em dezembro de 2012.

2 _____
Psicóloga (UFPE), PhD em Psicologia (University of Kent, Inglaterra), professora da UFAL e membro efetivo do GPAL.

Enquanto Freud e Klein partiram de contextos clínicos de adoecimento e sofrimento psíquico, Winnicott incluiu em sua experiência o atendimento de crianças pequenas trazidas por suas mães à consulta pediátrica. A observação da relação da mãe com o seu bebê foi fundamental na construção de sua teoria acerca do desenvolvimento emocional primitivo. Sua diversificada experiência clínica como pediatra e psicanalista se revela em sua teoria, pela ênfase na saúde e no desenvolvimento típico, assim como na preferência pelos termos comuns “saúde” e “doença”, em lugar dos conceitos científicos de “normal” e “patológico”.

A teoria de Winnicott enfatiza a relevância do fator externo ou ambiental e a centralidade dos aspectos relacionais intersubjetivos no processo de desenvolvimento emocional. Uma das suas contribuições mais importantes à psicanálise é o conceito dos fenômenos transicionais.

Para Winnicott, o ponto de partida do desenvolvimento humano é a condição de dependência absoluta da criança ao nascer, fato que se constitui na principal característica da infância. Em consequência, o desenvolvimento físico e emocional da criança ocorrem no contexto de relações interpessoais de cuidados primários, destacando-se a importância do ambiente. Os cuidados com o lactente e com a criança são representantes

externos, ambientais, necessários para que os processos de maturação, que são tendências internas herdadas, possam se realizar.

Winnicott valoriza, em particular, o caráter e o estado da mãe durante a gestação e os primeiros meses de vida do bebê, como representante primário do ambiente. Os cuidados *suficientemente bons*, ou seja, sintonizados em atender às necessidades do bebê, são uma condição para o desenvolvimento saudável do indivíduo.

Cuidados suficientemente bons proporcionam uma experiência de continuidade da existência que se transforma num senso de existir e num sentimento de ser, levando a uma crescente autonomia. Quando a constância dos cuidados maternos produz confiança no ambiente, surge a possibilidade do *espaço potencial* (WINNICOTT, 1975). No espaço potencial a criança experimenta o sentimento de onipotência e a ilusão de ter criado aquilo que encontra no ambiente, primeiramente o seio materno que está disponível para ser criado. É no espaço potencial que ocorrem o que Winnicott denominou os fenômenos transicionais que

permitted à criança a experiência numa área intermediária, que não se situa nem na realidade psíquica interna nem no mundo externo, mas no espaço “entre” elas. A *área intermediária* é parte da realidade compartilhada no campo intersubjetivo, sendo ao mesmo tempo dominada pelo sonho e imaginação.

A experiência da ilusão se constitui, assim, no fundamento da relação com a realidade externa, havendo posteriormente a gradual introdução do princípio da realidade. Segundo Winnicott, ao longo da vida, a oportunidade para a ação criativa no espaço transicional estará associada a condições de saúde emocional.

A seguir, serão apresentadas três possibilidades de contribuição do pensamento de Winnicott para uma reflexão sobre o tema da saúde emocional: a tênue distinção entre saúde e doença, uma proposição afirmativa para o conceito de saúde e a importância do contexto ambiental e da cultura.

A TÊNUE DISTINÇÃO ENTRE SAÚDE E DOENÇA

No início do século XX consolidou-se a ideia de que a diferença entre doença e saúde não existe simplesmente em termos qualitativos, mas que tal distinção depende especialmente de diferenças quantitativas, podendo existir homogeneidade ou continuidade entre o

normal e o patológico. Esta posição, que marca uma importante ruptura com o pensamento anterior vigente, está presente na metapsicologia de Freud. Em Winnicott registra-se uma especial atenção ao movimento em que saúde e doença permutam significação, não havendo lugares rígidos para estabelecer critérios de normalidade.

Segundo Jan Abram (1996), Winnicott não faz uma clara distinção entre saúde e não saúde. Sua posição de valorizar tanto os processos biológicos (*nature/natureza*) quanto os fatores ambientais (*nurture/criação*) vai produzir uma visão peculiar em relação a saúde e doença mental. Para Winnicott, a constituição psíquica não pode ser pensada em termos deterministas, pois ninguém teria o privilégio da saúde ou a condenação à doença. As duas condições e possibilidades estão presentes no indivíduo e se sobrepõem em um campo fluido de imprecisão, entrelaçamento e permuta.

O adoecimento e o sintoma podem sinalizar saúde enquanto sinais de suposta sanidade podem evidenciar doença. Afirma, de modo

um tanto paradoxal, que todo ser humano teria a “capacidade” de tornar-se não integrado, despersonalizado e sentindo que o mundo é irreal, conforme citação abaixo:

É frequente presumir-se que, na saúde, o indivíduo encontra-se sempre integrado, vivendo dentro do próprio corpo e sentindo que o mundo é real. No entanto, muito do que chamamos sanidade é, de fato, um sintoma, carregando dentro de si o medo ou a negação da loucura, o medo ou a negação da capacidade inata de todo indivíduo de estar não-integrado, despersonalizado e sentindo que o mundo não é real. A falta de sono em quantidade suficiente produz tais efeitos em qualquer pessoa (WINNICOTT, 1945, p. 225).

Winnicott aponta, portanto, as incertezas no campo da distinção entre saúde e doença. Além disso, valoriza a capacidade para o adoecimento, olhando com suspeita a condição aparentemente saudável do indivíduo que não alucina, mas que não tem vida imaginativa. O que denomina as “fugas para a sanidade” caracteriza estados em que não há doença, mas também não há vida, não evidenciando, portanto, saúde. Conforme suas palavras: “Existem pessoas tão firmemente ancoradas na realidade objetivamente percebida que estão doentes no sentido oposto, dada a sua perda do contacto com o mundo subjetivo e com a abordagem

criativa dos fatos” (WINNICOTT, 1971, p. 97).

Winnicott afirma que a capacidade para a não integração que ocorre durante o repouso, o relaxamento e o sonho faz parte da vida mental do adulto saudável. O estado não-integrado favorece a criatividade, enquanto defesas organizadas contra a desintegração inibem o impulso criativo. Por outro lado, o excesso de criatividade pode aproximar da loucura.

Certamente seu conceito de ilusão como experiência fundante da relação com a realidade externa se coloca como um elemento paradoxal na compreensão do que é saudável no campo da saúde mental. Atribuindo valor positivo à capacidade para a ilusão, a entende como sinal de saúde.

Tais imprecisões em relação à saúde e doença tem importantes repercussões para a clínica. Enfatiza, por exemplo, o valor da depressão enquanto evidência da integração da pessoa e da sua capacidade para sentir culpa e preocupação. A capacidade de se sentir deprimido é uma conquista do desenvolvimento emocional primitivo, indicando a força do ego

e, portanto, seu potencial para a recuperação e para a saúde.

Em relação à infância, chama a atenção para a especial dificuldade em estabelecer o que é normal nesta fase. Destaca a importância de se reconhecer o significado do sintoma que é comunicado pela criança ao ambiente, pois não é o sintoma em si, mas o uso que a criança faz do sintoma que pode ser patológico. O sintoma pode ser um sinal de saúde na medida em que representa uma reação de protesto da criança a um ambiente restritivo e ameaçador de sua individualidade e criatividade.

Evidentemente Winnicott não é ingênuo para ignorar ou subestimar o sofrimento psíquico presente em estados patológicos com os quais ele frequentemente se deparou em sua clínica. Entretanto, apoiadas em sua aguçada capacidade de observação das condições não patológicas do desenvolvimento humano, suas ideias ampliam as possibilidades de compreensão e manejo dos fenômenos clínicos. Subvertendo posições preestabelecidas, Winnicott enriquece a discussão sobre o normal e o patológico na clínica psicológica, com repercussões diagnósticas e terapêuticas.

UMA PROPOSIÇÃO AFIRMATIVA PARA O CONCEITO DE SAÚDE

A concepção de saúde como ausência de doença é um parâmetro central e prevalente

nas disciplinas biológicas, em especial na medicina. A falta de uma definição positiva da saúde tem favorecido um excesso na crescente lista de fenômenos e comportamentos considerados como patológicos.

Winnicott dedica grande atenção aos processos típicos do desenvolvimento emocional e afasta-se da concepção de que a ausência de patologia seria indicativa de saúde. Ele propõe a inclusão de outros critérios, defendendo a ideia de que saúde não é a ausência de distúrbios, mas a presença de certas capacidades e qualidades. Segundo ele, além de um certo grau de maturidade na vida pulsional e da ausência da doença, seria necessário “algo mais” para poder se falar em saúde, algo que estaria basicamente relacionado à **espontaneidade** e à **criatividade**. Em suas palavras, “somos de fato pobres se formos apenas sãos” (WINNICOTT, 1945, p. 225).

Com os conceitos de criatividade e fenômenos transicionais, Winnicott traz para a psicanálise uma alternativa positiva e afirmativa do conceito de saúde, oferecendo um contraponto ao discurso

patologizante prevalente. Adam Phillips (2006) destaca que saúde para Winnicott é sempre caracterizada por espontaneidade e intuição, ideias que raramente aparecem em Freud ou Klein.

Para Winnicott, a doença está relacionada com a inibição da espontaneidade e as patologias se originam de quebras na continuidade no desenvolvimento inicial, as quais em sua maioria resultam de falhas na provisão ambiental. A saúde envolve condições de integração psicossomática e certas qualidades no relacionamento objetal, num rico processo de troca entre o mundo e os objetos, tanto externos como internos. O mundo interno relaciona-se com o mundo externo, o recria e é por ele realimentado. A saúde envolve a adaptação necessária ao mundo e a recriação criativa do ambiente por meio dos “fenômenos transicionais”. Enfim, a saúde tem a ver com a vida no mundo, com a vida interior e com a capacidade de experiências culturais no espaço potencial.

Como manifestações de saúde referidas por Winnicott, destacam-se a ação criativa, a espontaneidade, o sentimento de ser e o sentido de realidade. Por outro lado, a doença aparece associada a termos como conformismo, submissão, sentimento de irrealidade e futilidade. O modo reativo e não criativo de responder ao ambiente corresponde à mera repetição de esquemas culturais e hábitos comportamentais, no

‘fazer’ dissociado do sentimento de ser. Em síntese, Winnicott considera que “viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida” (1971, p. 95).

Para Winnicott, saúde diz respeito à liberdade para viver e agir no espaço compartilhado, experienciando sentimentos de realidade e sentido existencial. Para ele, o mais importante critério para saúde não diz respeito à adaptação ao ambiente ou ao prazer obtido na relação com objetos na realidade externa, mas em saber se a vida vale a pena ser vivida, apesar de ser difícil. A criatividade, o sentimento de estar vivo e de ser real são, em última instância, a expressão de sanidade do indivíduo.

A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE E O PAPEL POSITIVO DA CULTURA

Se para Winnicott a constituição da subjetividade ocorre no contexto relacional, não se pode pensar numa pessoa sem considerar o seu ambiente e o seu lugar na sociedade. A saúde ou a doença mental dependem fundamentalmente

do processo de maturação e da capacidade do ambiente em satisfazer as necessidades do indivíduo.

A saúde mental seria, portanto, um produto dos cuidados que tornam possível uma continuidade do crescimento emocional pessoal. A experiência com um ambiente responsivo e contínuo desencadeia um processo de confiabilidade, sendo a confiança resultante formulada como sinal de saúde mental. Tal ênfase leva Winnicott também a buscar o papel do ambiente nos mais severos estados da psicopatologia e a posições radicais, tais como a afirmação de que as psicoses resultam de falhas ambientais no início da vida.

Dada esta ênfase ao ambiente, a saúde não é concebida como uma propriedade individual, mas como uma vivência que se organiza no espaço transicional, ou seja no espaço “entre” a realidade psíquica e o ambiente, incluindo as dimensões biológica, psicológica e ecológica (ambiente / realidade externa). Embora seus conceitos se originem do trabalho clínico e, portanto, enfoquem a individualidade, não se restringem

a uma perspectiva subjetivista nem se limitam a uma psicologia individual na medida em que pressupõem a base intersubjetiva da constituição da pessoa em seu ambiente.

Além disso, sua concepção de ambiente abrange não apenas os cuidados singulares oferecidos pela pessoa da mãe, mas inclui aí as condições ambientais para o exercício da maternagem, tais como o pai da criança, a família, a rede de assistência médica e social, os padrões culturais vigentes.

Pode-se afirmar, a partir das ideias de Winnicott que a maternagem se constitui ancorada na cultura e que as condições para cuidados maternos suficientemente bons incluem as dimensões materiais e concretas da mãe. Tais colocações trazem importantes

repercussões para a discussão de políticas sociais e de saúde mental.

O ambiente é o cenário da ação criativa e a criatividade é externalizada no ambiente. A espontaneidade individual e a criatividade só tem sentido em contexto, ou seja, remetem sempre ao ambiente. O contexto diz respeito à relação interpessoal, à relação com o outro, à experiência do “entre” no espaço transicional, que se dá no grupo e na cultura. A realidade psíquica pessoal emerge da interação com os outros elementos do contexto (os objetos) num campo de interação. A criatividade acontece na interação no espaço potencial, não no contexto do indivíduo isolado. O conteúdo criativo se expressa na forma do espaço e dos objetos que circundam a experiência do indivíduo e constituem sua realidade compartilhada, ou seja a cultura. Portanto, o ambiente, incluindo-se a tradição cultural, tem um papel ativo e positivo nos processos que envolvem o desenvolvimento emocional saudável.

Neste sentido, observa-se um claro contraste entre Winnicott e

Freud no que se refere ao lugar da cultura no desenvolvimento emocional. Para Freud, há um inevitável cenário de conflito entre exigências da sociedade e interesses do indivíduo, o qual é produtor de mal-estar. Para Winnicott, o conflito se constitui em uma das facetas, mas não todas, na relação do indivíduo com a cultura. Segundo ele, o desenvolvimento saudável procura situar-se entre altruísmo e egoísmo, pressupondo uma certa identificação do indivíduo com a sociedade, sem com isso perder seus impulsos pessoais. Phillips (2006) destaca que enquanto para Freud a realidade frustra o indivíduo, para Winnicott a realidade é potencialmente enriquecedora, produtora de satisfação e tranquilizadora na

medida em que estabelece limites para a fantasia.

As experiências culturais, incluindo-se as artes, a mitologia, a religião, se constituem em parte importante da existência, sendo expressão da capacidade humana saudável de usar e compartilhar o que está disponível no ambiente de forma criativa. A expressão artística, por exemplo, através da criação e/ou apreciação da arte permitem o contato com o *self* primitivo, sendo um rico caminho de usufruto da saúde.

Para Winnicott, portanto, a cultura tem um lugar positivo na medida em que abriga os elementos constituintes da vida psíquica pessoal possibilitando a ação criativa externalizada no ambiente.

Concluindo, Winnicott destaca que é no contexto da cultura que se concebe saúde e doença. Sendo assim, toda e qualquer resposta às questões colocadas pelo campo da saúde mental são provisórias e estão, ao mesmo tempo, limitadas e potencializadas pelas experiências anteriores, tradições e valores culturais que são, por sua vez, recriados a cada geração. Winnicott oferece ideias interessantes e originais para o tema da saúde mental e emocional, permitindo novas leituras e caminhos alternativos na clínica. Certamente ele gostaria que este debate se desse no espaço do diálogo interpessoal e da criatividade.

REFERÊNCIAS

ABRAM, Jan. *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

WINNICOTT, Donald (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. Em: *Da Pediatria à Psicanálise: textos selecionados*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

WINNICOTT, Donald (1967). A localização da experiência cultural. Em: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald (1971). A criatividade e suas origens. Em: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.